

Alegria: passarela da malandragem

Wania Majadas

Brasileiro é, pois, esta gente nativa mestiça, sobrando e indesejada que irrompe na sociedade colonial, partida entre senhores e escravos, como uma identidade nova e intrusa. A imensa maioria destes brasileiros, tanto os de ontem como os de hoje, tidos como brancos, deixa ver, nas feições, a marca de sua origem indígena; se morenos, sua *ancestralidade africana*.

Darci Ribeiro

Apesar dos grandes reveses que este povo brasileiro tem enfrentado, uma herança de seus ancestrais indígenas permanece inabalável: a força da alegria. A arma do riso e do bom-humor faz do brasileiro um povo que, mesmo diante das maiores carências, das maiores trapaças que preparam para a sua vida de eterno equilibrista, tem jogo de cintura, para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Nossa literatura tem sabido registrar esta tendência do brasileiro para o humor, desde as gargalhadas espalhafatosas das sátiras de Gregório de Matos, que já formara seu público cativo nos anos seiscentistas; ao riso hilariante do teatro de Martins Pena, que conseguia lotar as casas de espetáculo por época do Romantismo; ou ao humor às avessas de Machado de Assis, que ensina o leitor a rir para dentro, sem movimentar os lábios.

Em momentos importantes de nossa literatura, à descontração e à alegria é adicionada a picardia que desenvolve um tom humorístico e malicioso que provoca o rompimento maniqueísta, onde as personagens não são heróis nem vilões, mas apenas impulsionadas pelas necessidades de sobrevivência.

Leonardo, o sargento de milícias, criação de Manuel Antônio de Almeida, século XIX, é considerado o primeiro malandro de nossa ficção. Apontado por Mário de Andrade como personagem

picaresca, o “filho de uma pisadela e de um beliscão”, destaca-se pelo seu comportamento malandro, que pune uma sociedade movida pelas aparências, de moral frouxa, retirando a máscara da idealização pelo veículo dos temperos das novelas picarescas do passado em Espanha.

É bom lembrar que este Leonardo é o *embrião* do Macunaíma, no qual o modernista Mário de Andrade compõe a alegria, o oportunismo, a sensualidade e a malandragem nacional, saindo, assim, a manufatura de uma personagem curiosa, instigante e surpreendente.

Hoje, em nossa literatura, temos, através dos contos da obra *Malagueta, Perus e Bacanaça*, de João Antônio, toda essa picardia, esse bom-humor, esse riso que têm por moradia o sangue do povo brasileiro.

Uma noite paulistana: microcosmo de um povo

Aí está o espaço: Lapa, Água Branca, Barra Funda; Cidade. Pinheiros; Lapa. E aí estão os homens que habitam este espaço: Malagueta, Perus, Bacanaço; Durão, Bacalhau, Sorocabana, Cornélio; o inspetor Lima, Caloi, Marinho, Maria; Felipe, Teleco, Mulheres da hora, Invertidos; Carne Frita, Praça, Paraná, Detefom; Estiligue, Lincoln, Mãozinha, Silveirinha, o velho engraxate; Marli, Dorotéia, Robertinho... Aí estão as vidas que compõem qualquer tipo de universo. Pequenas vidas, minúsculos mundos e grandes lutas, soberbas, heróicas e trágicas.

Pequenas vidas e minúsculos mundos, porque pertencem à classe social dos esquecidos. Marginalizados que se tornam marginais. Não tiveram o direito de um teto, nem de uma escola e, às vezes, nem sequer de um sobrenome. As autoridades e a sociedade em geral só se lembram deles para acusar e castigar. Vidas soberbas e heróicas, pela coragem da travessia no mar de obstáculos previs-

tos ou inesperados, onde o desânimo e a desistência são saídas rejeitadas com sabedoria e vigor.

Uma vontade súbita os tomou — A cidade não dera jogo, dera prejuízo e até estrepe no caminho? Não havia nada não. São Paulo era grande e eles, três tacos, tinindo para o que desse e viesse. Haveria jogo em algum canto. Faziam fé. (p.68.)

O trágico impregna toda a trajetória da miséria e da fome. Para quem a fome é apenas matéria de ficção fica difícil apreender a tragicidade de um estômago quase sempre vazio. O velho malagueta carrega uma fome crônica, desalmada e destruidora. O velho malandro malagueta e o *menino* Perus constituem uma representação metafórica de dezenas de milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza.

Malagueta, Perus e Bacanaço, principalmente o velho e o *menino*, estão sempre em estado de carência, pois, apesar de malhar no *joguinho* e serem bons de taco, vivem em uma escala ainda mais inferior que Bacanaço que é mais esperto, mais malicioso e não tem os escrúpulos dos outros dois e banca o dinheiro para as apostas, ficando, pois com a porção maior do bolo. E sempre resguardado, enquanto os outros dois se expõem.

Do lado de lá da rua, quase em cima dos trilhos do bonde, o carro freou e os apanhou. Bacanaço meteu-se no banco dianteiro. Contou, demorou, distribuiu. O cigarro na boca se mexeu:

— O que é meu — e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão.

O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois. (p.35.)

Mas nem sempre o mar está para peixe, aquele dinheirinho é muito incerto precisam estar atentos, numa vigilância diuturna, incansável, nem que para isto seja necessário *dormir em pé*.

Malagueta descansa o corpo na porta do botequim, enquanto observa o mundo à sua volta. Este *velho* que é visto com muita ternura e simpatia pelo narrador; que, apesar da experiência do submundo da malandragem, não perdeu a pureza; que apesar da sabedoria acumulada pelos anos vividos, não perdeu a mania de ser perdedor, de ser espoliado. Que, apesar do sapato furado de tão gasto, do lenço imundo, colorido, amarrado ao pescoço, da falta de um teto, não perdeu o gingado e nem a vontade de jogar. Desistir do jogo será a mesma coisa que desistir da vida. E Malagueta não quer nem pensar em jogar a vida fora. Para isto, é necessário estar acordado, vigilante, observando aquele mundinho com olhos inquietos, mas discretos, como quem não quer nada.

Bacanaço e Perus lhe voltaram.

— Está a jogo ou a recreio, meu?

Malagueta os olhava. Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófiás. Perus no acompanhamento, feito um dois-de-paus. ‘É, pensou, quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá, no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado.’ E soltou para si o rizinho canalha com que os malandros entendem, reconhecem. Risinho meio parado, metade nos olhos. (p.22.)

Perus é outro que tem a total simpatia do narrador. *Menino* de dezenove anos. Magro, mal alimentado e mal dormido, está naquele mundo desde criança e segue os passos de Bacanaço e Malagueta. Pelo seu jeito de ser e pela forma de encarar o jogo e os seus comparsas, tudo indica que o seu futuro está mais para Malagueta que para Bacanaço. Até a maneira de encolher o corpo, de ficar pequeno dentro do surrado blusão de couro, faz lembrar o velho

Malagueta. Sua ética de malandro comove o leitor. Além disto, neste jogo duro da sinuca da vida, o rapazinho ironicamente ainda encontra recursos para camuflar uma de suas maiores *malandragens*: a poesia. Para poder apreciar a beleza de um raiar do sol, mesmo correndo o perigo de ser desmascarado pelos amigos. Para a sua reputação de malandro este é o maior risco.

Sabia que aquele momento tinha vários nomes e se ria por dentro e desprezava quando lhe dizem ‘é o nascimento do dia’. Os outros nomes também eram frouxos. Gostava um pouco de autora, um pouco só, quando se falava baixo e sério. Sabia o que tinha de lindo aquele momento e mesmo querendo contar a alguém não conseguiria. [...] Não era coisa de contar. Era de ficar vendo, quieto, parado, esquecido. E bobo. (pp.66-67).

Bacanaço é o “bacana”, o esperto e oportunista que não tem escrúpulo para atingir os seus fins, valendo-se do talento dos companheiros do jogo, Malagueta e Perus, e, também, dos encantos da Marli. O que ele quer é dinheiro no bolso, a roupa de malandro elegante, o sapato polido. Com Bacanaço não se brinca. Naquele mundo difícil, de grandes concorrências, ele consegue grandes tacadas embora não seja o melhor taco.

A situação é irônica: Bacanaço precisa de Malagueta e Perus, porque sem eles é quase impossível manter toda aquela pose. Somente a Marli não daria conta de tanto luxo. No entanto, sem Bacanaço, para bancar as apostas, a fome e a miséria, companheiras persistentes de Perus e Malagueta, serão mais devastadoras. Isto eles sabem e por isto se calam. Com ele, até a polícia mantém uma certa distância.

Com a sabedoria e a paciência do suave Malagueta; com a juventude e o lirismo do aprendiz Perus; com a astúcia e o oportunismo do mulato Bacanaço está armada a profícua e resistente ma-

lha que compõe o escudo e todo o material bélico destes homens comuns, heróis anônimos, para a luta que persegue e reverencia o grande espetáculo da vida. Vida pequena, comprada a prestações quase sempre pesadas, difíceis de serem quitadas. Mas desânimo não há, nem lamúrias, nem pânico. A vigília, sim, esta é importante e confiar desconfiando é uma regra. Se assim não for, não terão cacife para malandros.

Recursos de linguagem: ponto de vista. Circularidade

A linguagem escolhida e selecionada por João Antônio, para desenvolver a voz do narrador, imita as evoluções dos movimentos das personagens. E estas evoluções são como que uma interpretação do próprio movimento do jogo. Existem avanços e recuos, as paradas bruscas, as esperas, o silêncio e a solidão de quem está criando o jogo e precisa de concentração. Há tensão e distensão no jogo de corpo que precisa ser afiado diante daquele *joguinho ladrão*.

Linguagem musical que acompanha o ritmo das bolas batendo umas nas outras ou o silêncio de uma bola perigosamente parada ao lado da outra. Linguagem de ponto e contraponto, onde não falta sequer o refrão.

— Vai lá e desempenha, meu.

Enviou, fez pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó. Mandou Malagueta:

— Vai lá e faz marmelada.

Estava armado o colúio, funcionando a trapaça. [...] Houve os olhares de soslaio, perguntando-se. Houve a casada, houve as escolhas de tacos, os movimentos dos homens se curvando sobre a mesa. Iam sérios. Os bondes rangiam lá fora e os homens em volta da mesa faziam o silêncio do joguinho, por demais preocupado.

As bolas corriam. E Bacanaço sorria. [...] Quando ia às tacadas firmava apoio a Perus, salvava-lhe a bola, apenas defendendo a sua e a encostando a do menino às tabelas. Um joguinho ladrão.

Bacanaço sorria. [...] Joguinho ladrão, ganha aqui quem der mais sorte. [...] E a roda começou. [...] Bacanaço sorria. Negócio dos bons era ser patrão dos dois. Aqueles não tropicavam, tinham fome, iam, firmes, e sofredor desempregado dá tudo o que sabe no quente do jogo. (pp.27,28,30.)

O ponto de vista do narrador em terceira pessoa intensifica o jogo de tensão e distensão, pela onisciência ampla e irrestrita. Apesar de relatar o jogo de malandros, mestre na arte de blefar, o narrador não tem nenhum interesse em blefes. O narrador de *Malagueta, Perus e Bacanaço* é completamente sincero, honesto e não camufla perante o leitor a sua ternura, a sua simpatia e o sentimento de compaixão, que alimenta pelos seus relatados. É como se ele narrador fosse mais um comparsa no jogo, no “joguinho safado” e no jogo da existência. É como se ele também estivesse entre os “quebrados quebradinhos”. Ele fala com orgulho de mestre da picardia sobre aquele gingado especial dos atiradores que agem com inteligência, com ética, alegria e malícia e demonstra sua aversão pelos “otários”, pelos “trouxas”, pelos “coiós” e por aquele que quer “ser mais malandro que a malandragem”.

Esta “sociedade” do narrador com estas vidinhas fica mais fortificada pela presença assídua do discurso indireto livre no texto, quando o narrador concilia sua voz com o pensamento da personagem.

Malagueta esfriou, perdeu num átomo o alegre rebolado. Andava tudo ruim e ele com a fome. Maré de azar danado, nem quisessem saber. Comer? (p.23.)

Nada melhor para aproximar o narrador da personagem que o discurso indireto livre. Através dele, o narrador denuncia o grau de interesse que o envolve com determinada personagem.

Neste mundo de carências, de grandes derrotas e pequenas vitórias, o homem está debatendo, procurando sobreviver.

Na obra, temos o marco temporal de apenas uma noite: o início do relato capta um resto de dia que já vai sendo descaracterizado pelas luzes que vão ferindo a paisagem urbana e termina com o raiar do dia. No espaço físico-social há também um marco: o bairro da Lapa. As primeiras ações acontecem na Lapa e a última também. Temos, portanto, a circularidade tanto no tempo (entardecer, amanhecer, entardecer, amanhecer...) como no espaço. Assim como a primeira história poderia ter sido a última; assim como poderia ter início ao amanhecer.

Tal circularidade confere à obra uma dimensão social declarada, a dimensão do círculo vicioso, como também uma dimensão existencial que reflete sobre a busca incansável da essência do ser. É um tempo de angústia, mas não de desânimo. É um tempo de caminhar contínuo, de resistência irrevogável; nem que se vejam voltando para o mesmo lugar (Lapa) sem nenhuma adição positiva, estarão prontos para continuar, buscando os mesmos caminhos, mas sempre com uma esperança renovada.

Bibliografia

- João Antônio. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, S. Paulo, Ática, 1987.
- Carlos Guilherme Mota. *Ideologia da cultura brasileira*. S. Paulo, Ática, 1985.
- Ribeiro, Darci. *O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1985.
- Ribeiro, Darci e Carlos de Araújo Moreira Neto. *A fundação do Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1992.
- Torres, João Camilo de Oliveira. *Interpretação da realidade brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.